

ASPECTOS DA TEORIA ATOR-REDE (ANT) E DA MEDIAÇÃO EM EXPOSIÇÕES DE ARTE: ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA PESQUISAS EM MEDIAÇÃO CULTURAL

Andrew Martins Carlin¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma definição operacional do conceito de mediação cultural enquanto procedimento institucional e/ou profissional de comunicação de eventos culturais. Na sequência, argumenta-se a favor da autonomia do processo de mediação cultural, concordando com autores como Jean Davallon (2007; 2010) e Yves Jeanneret (2009) que reiteram que, nos processos comunicacionais, os significados e os conhecimentos nunca são simplesmente dados, havendo, antes, inúmeros elementos, humanos e não humanos, que carregam, transformam, criam e recriam as informações. Assim, neste recorte sobre o tema, avaliam-se as principais diretrizes da Teoria Ator-Rede, associada aos conceitos de mediação radical e comunicação associal (LEMOS, 2020), como uma estratégia teórico-metodológica para mapear a complexidade do processo comunicacional e, em especial, da mediação cultural institucional e/ou profissional praticada em exposições de arte. Por fim, este estudo registra e exemplifica como uma exposição de arte pode ser analisada a partir de uma perspectiva ontológica plana não antropocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE: mediação cultural; teoria ator-rede; exposições de arte

ASPECTOS DE LA TEORÍA DEL ACTOR-RED (ANT) Y LA MEDIACIÓN CULTURAL EN EXPOSICIONES DE ARTE: ESTRATEGIAS TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS PARA LA INVESTIGACIÓN EN MEDIACIÓN CULTURAL

13

RESUMEN: Este artículo presenta una definición operativa del concepto de mediación cultural como un procedimiento institucional y/o profesional de comunicación de eventos culturales. En la secuencia, se argumenta a favor de la autonomía del proceso de mediación cultural, coincidiendo con autores como Jean Davallon (2007; 2010) e Yves Jeanneret (2009) que reiteran que, en los procesos comunicacionales, los significados y el conocimiento nunca se dan simplemente, pero hay innumerables elementos, humanos y no humanos, que transportan, transforman, crean y recrean las informaciones. Así, en este apartado sobre la temática, se evalúan los principales lineamientos de la Teoría del Actor-Red, asociados a los conceptos de mediación radical y comunicación asocial (LEMOS, 2020), como estrategia teórico-metodológica para mapear la complejidad del proceso comunicativo y, en particular, la mediación cultural institucional y/o profesional practicada en exposiciones de arte. Finalmente, este estudio registra y ejemplifica cómo se puede analizar una exposición de arte desde una perspectiva ontológica plana y no antropocéntrica.

PALABRAS CLAVES: mediación cultural; teoría del actor-red; exhibiciones de arte

¹ Aluno do Mestrado Profissional em Artes (PPGARTES), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP), desde 2019. Linha de Pesquisa: Experiências e mediações nas relações educacionais em arte. E-mail: andrew.carlin1993@gmail.com

1. A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO ATO AUTÔNOMO

A ideia de mediação está presente em diversas áreas do conhecimento. De partida pode-se garantir sua incidência na área jurídica, na educação, na filosofia, na comunicação, nas artes, na museologia e, até mesmo, na teologia (DAVALLON, 2007). A abrangência da categoria e os diferentes usos em cada uma dessas áreas, justificam os riscos de se elaborar uma definição simples de mediação que proceda superficialmente de sua raiz etimológica, sempre associada à ideia de estar entre ou no meio (como um intermediário).

Por outro lado, na área cultural é possível perceber certos níveis de consensos sobre os usos da palavra mediação, sobretudo quando se trata do seu uso operacional adjetivado pelo termo cultural. A noção de mediação cultural, nesse caso, costuma indicar os processos institucionais e/ou profissionais que visam aproximar públicos consumidores de bens culturais. Portanto, essa expressão frequentemente nomeia um conjunto de ações praticadas em instituições culturais que objetivam estabelecer modos de inter-relações, tanto de cunho educacional, histórico, filosófico, científico e poético, quanto de simples entretenimento, entre determinados públicos e obras de arte, objetos históricos, livros, arquivos etc.

Na década de 1990, o crítico brasileiro José Teixeira Coelho (1997, p. 247) definiu a mediação cultural nos seguintes termos:

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural. Entre as atividades de mediação cultural estão as de orientador de oficinas culturais, monitores de exposições de arte, animadores culturais, museólogos, curadores, profissionais das diversas áreas que constituem um centro cultural, bibliotecários de bibliotecas públicas, arquivistas e guias turísticos.

Nesse arco temporal, mesmo considerando as turbulências globais e as transformações do campo da cultura, é possível caracterizar a mediação cultural, praticada em museus, galerias e aparelhos culturais, em sua funcionalidade, como o conjunto de ações que visam aproximar os objetos de cultura e seu público consumidor.

Essa apropriação foi referência para vários estudos na área da mediação em museus, uma vez que:

O termo designa essencialmente toda uma gama de intervenções realizadas no contexto museal, com o fim de estabelecer certos pontos de contato entre aquilo que é exposto (ao olhar) e os significados que estes objetos e sítios podem portar (o conhecimento). (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 53)

Contudo, uma definição como essa não livra o conceito de mediação cultural da opacidade e da pluralidade de significados que aparentam ser inerentes à categoria de mediação. Para o sociólogo francês Jean Davallon (2007, p. 4), a cada apropriação que se faz da noção de mediação cultural, surge um significado diferente:

Mas, na prática, ela não deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores (de museu ou de património, por exemplo); uma forma de ação cultural por oposição à animação cultural; a construção de uma relação com a arte; produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público; etc. Podemos vê-lo, logo que ela é contextualizada, logo que ela está situada, a definição que parecia poder fazer consenso explode para designar realidades muito diferentes.

A despeito de tal dificuldade, Jean Davallon (2007) toma como ponto de partida o entendimento de que o conceito de mediação cultural serve para designar a operação simbólica de instauração de uma relação entre o mundo do visitante e um segundo mundo por meio de uma exposição. Além disso, o autor alarga o emprego do conceito à dimensão simbólica do funcionamento midiático da exposição (DAVALLON, 2007).

Por esse prisma, os polos da mediação cultural são: os destinatários (o público frequentador de museus, bibliotecas, arquivos etc.) e os objetos ditos culturais (obras de arte, objetos históricos, livros, arquivos etc.). Enquanto os agentes mediadores, ou seja, os terceiros transformadores, podem assumir inúmeras formas (objetos, textos, intervenções de especialistas, arquiteturas etc.) (DAVALLON, 2010).

Por uma perspectiva semiótica, os mediadores culturais de exposições de arte são os dispositivos, máquinas e humanos que, agindo como intérpretes, se insinuam no processo semiótico elementar dos destinatários para lhes inserir os interpretantes destinados “a facilitar, desenvolver, efetivar, enriquecer, ampliar e mesmo questionar o processo interpretativo” (DARRAS, 2009, p.36).

Reforça-se, assim, o entendimento da mediação cultural como um “processo simbólico ligado à aprendizagem, à tradução, à troca e à comunicação por signos” que envolve a “capacidade de reconhecer e interpretar códigos e linguagens produzidos em um contexto cultural como condição elementar para aproximar sujeitos de materiais que permitem a apropriação de conteúdo informativo e fazer avançar a semiose.” (ALMEIDA, 2012, p.15).

Portanto, há mediação cultural quando ocorrem intervenções, por parte de dispositivos, máquinas e humanos, que objetivam acrescentar interpretantes no processo interpretativo de consumidores de bens culturais quando estes últimos se encontram em espaços de promoção dos objetos em questão (DARRAS, 2009).

Ao mesmo tempo, com esses consensos corre-se o risco da noção de mediação cultural ser reduzida à mera função de intermediária de um dado processo, quando a mesma precisa ser compreendida como “ação portadora de sentidos próprios que estão em relação com sentidos incrustados tanto nos objetos, como nos sujeitos culturais e seus respectivos contextos” (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p.9). A mediação cultural precisa ser pensada como ato autônomo

[...] com identidade e lógicas próprias, definidas em relação com as esferas da produção e da recepção de informação e cultura. Tal abordagem, assumindo modelo triádico (mediação-produção-recepção), rompe com compreensões dualistas e mecânicas dos campos da Informação e da Comunicação, mostrando-se heurística, posto que compatível com a centralidade dos dispositivos de mediação cultural na atualidade (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p.1).

Por esse prisma, entende-se que, em sua irredutibilidade, cada instância do processo comunicacional (a mediação, a produção e a recepção), “reflete e refrata a outra, num processo dinâmico e complexo de interferências múltiplas” (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014, p.9). Nenhuma delas cumpre uma função secundária na constituição do processo comunicacional.

Ademais, alguns estudos do campo da informação e da comunicação têm reforçado que a categoria de mediação pode cumprir o papel de ressaltar que os significados e os conhecimentos nunca são simplesmente dados, havendo antes inúmeros intermediários, terceiros simbolizantes, responsáveis por carregar, transformar, criar e recriar as informações

(DAVALLON, 2007; DAVALLON, 2010; JEANNERET, 2009). Essa posição tem contribuído para revelar a complexidade do processo, as diferentes acepções do conceito de mediação e o papel e a função dos múltiplos agentes:

O conceito de mediação vem dando apoio à disciplina francesa de ciências da informação e comunicação há duas décadas. Ele não foi criado por esta disciplina, mas esta disciplina atraiu indivíduos que se aplicam a revelar que nada é transparente. Pessoas que apontam que nada é realmente imediato e que destacam o papel de intermediários, mediadores, nas realidades sociais. Pessoas que demonstram que o conhecimento e o significado nunca nos são simplesmente dados, mas precisam ser elaborados. (JEANNERET, 2009, p.26)

Em síntese, conforme defende Davallon (2007, p. 24) “[...]o que o modelo da mediação faz aparecer é menos os elementos (a informação, os sujeitos sociais, a relação, etc.) do que a articulação desses elementos num dispositivo singular (o texto, o média, a cultura)”. A noção de mediação para os estudos informacionais e comunicacionais pode cumprir o papel de demonstrar que nada se realiza de forma direta, que nada é transparente, assim como ressaltar a função dos intermediários nas realidades sociais (JEANNERET, 2009).

Na perspectiva dos autores citados, o uso da palavra mediação serve para desviar o destaque usual dado aos polos que tradicionalmente compõem a estrutura comunicacional e evidenciar, sobretudo, um modelo explicativo preocupado com a situação comunicacional em si, que se efetiva na articulação de uma infinidade de intermediários (DAVALLON 2007; DAVALLON, 2010; JEANNERET, 2009). Destaca-se, assim, que a categoria de mediação representa, antes de tudo, uma preocupação em valorizar menos os atores e as informações de uma dada situação comunicacional do que a própria interação entre eles por meio de terceiros transformadores e produtores que elaboram uma instância autônoma que se efetiva ao complexificar o processo comunicacional (DAVALLON, 2007; DAVALLON, 2010; JEANNERET, 2009; PERROTTI; PIERUCCINI, 2014).

Esse entendimento sobre a categoria de mediação precisa estar presente nos usos do termo mediação cultural enquanto conceito operacional, que costuma ser acionado para assinalar processos institucionais e/ou profissionais específicos praticados por museus, bibliotecas, arquivos, teatros etc.

Assim, além de servir ao propósito de designar um processo específico de aproximação entre objetos de cultura e seus destinatários, cabe ao conceito operacional de mediação cultural carregar em seus significados indícios da complexidade dos processos comunicacionais, de modo a evidenciar que as articulações (ou as associações) entre sujeitos, objetos, textos e dispositivos são sempre instâncias produtoras, portanto, autônomas, no processo comunicacional.

Em resumo, a noção de mediação cultural também deve servir para o entendimento de que os significados e os conhecimentos vinculados em instituições como museus, galerias, arquivos, bibliotecas e teatros, nunca são simplesmente dados, mas transportados, desviados, transformados, criados e recriados por inúmeros intermediários (dispositivos, máquinas e humanos) que habitam galerias, palcos, acervos etc.

Portanto, os estudos que se preocupam em descrever os processos institucionais e/ou profissionais que objetivam a aproximação entre público e objetos culturais precisam adotar as estratégias teórico-metodológicas que melhor alcancem o registro ideal desse emaranhado de intermediários que constitui a mediação cultural enquanto processo comunicacional. Neste estudo, defende-se que a Teoria Ator-Rede é uma dessas estratégias.

2. TEORIA ATOR-REDE: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

De antemão, ressalta-se que estabelecer uma relação entre a Teoria Ator-Rede (ANT)² e outras perspectivas teórico-metodológicas das ciências sociais não constitui uma tarefa simples. Contudo, pode-se afirmar que a Teoria Ator-Rede é uma espécie de revisão do campo da Sociologia que parte da problematização do termo social (CARDOSO, 2015; LATOUR 2012).

A centralidade da noção de social para a ANT fica evidente em diferentes produções teóricas sobre o tema. Bruno Latour (2012), principal representante da teoria e um dos autores mais citados da atualidade na área das Ciências Humanas (SALES JÚNIOR; SOUZA, 2012), defende que, de um modo geral, persiste na sociologia um entendimento

2 Opta-se pelo acrônimo em inglês da Teoria Ator-Rede, ANT (*Actor-Network Theory*), em função da sua ampla difusão na literatura sobre o tema, além de resguardar a ideia comumente reafirmada por Bruno Latour (2012) sobre a relação que se estabelece entre a teoria e o trabalho de uma formiga (*ant*) – ambos lentos, minuciosos e constantes. Esta opção ocorre em contraposição ao uso do acrônimo em português TAR (Teoria-Ator-Rede).

do conceito de social como um domínio da realidade que se distingue e, ao mesmo tempo, se equipara a outros domínios, tais quais o biológico, o econômico, o jurídico, o científico e o psicológico. Concepção essa que, na realidade, não tem muito de concreto a oferecer sobre o que de fato o social significa.

Latour (2012) escreve que importantes sociólogos, como Émile Durkheim (1858-1917), por exemplo, foram responsáveis por lançar as bases de uma sociologia que compreende o social como sinônimo de interação local, direta e dinâmica, mas que também funciona como uma força específica e supostamente capaz de esclarecer como essas mesmas interações locais tornam-se duráveis e expandidas. E, nessa perspectiva, cientistas sociais tomaram o termo social como força externa aos indivíduos capaz de explicar diferentes dimensões das relações entre sujeitos e objetos.

Bruno Latour (2012) alega que existem equívocos pontuais na definição convencional do social que trazem efeitos teórico-metodológicos negativos para as Ciências Sociais, uma vez que a sociologia convencional, desenvolvida ao longo do século XX, alicerçou o social como um bloco ou um material autoexplicativo da sociedade. Quando a noção de social é acionada como sinônimo de um tipo especial de causalidade que serve para explicar todos os aspectos residuais que escapam a outros domínios, os(as) cientistas sociais confundem a explicação com o que o deve ser explicado (LATOUR, 2012).

Afirmar que uma dada dimensão da vida em coletivo é moldada por aspectos sociais deixa em aberto uma série de questões, como: o que de fato significa essa força social? Como é exercida? Quais entidades estão presentes nessa ação? O que a torna durável?

Em contraponto à essa leitura do social, a Teoria Ator-Rede recomenda às Ciências Sociais um novo olhar sobre seus objetos de investigação e sobre seus métodos.

Assim, a ANT defende uma redefinição das noções que compõem a ideia de sociologia, uma vez que é urgente a retomada dos significados originais da ciência do social enquanto estudos das associações.

[...] Mas para registrar a percepção da crise e acompanhar as novas conexões, outra noção de social tem de ser descoberta: bem mais ampla do que a usualmente chamada por esse nome e, ao mesmo tempo, estritamente limitada à busca de novas associações e ao esboço de seus agregados. Este é o motivo pelo qual definirei social, não como um domínio especial, uma esfera exclusiva ou objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação (LATOUR, 2012 p. 25, grifos do autor).

Logo, ao invés da rigidez e estabilidade presente nas concepções de social da sociologia convencional, a Teoria Ator-Rede aponta a necessidade de se ler o social como associação, muitas vezes instável, fluída, nunca completamente visível ou postulável; podendo ser enxergada apenas pelos seus traços, bem como ser agrupada, reagrupada ou desagrupada – às vezes produzindo, ou não, uma sociedade (LATOUR, 2012).

Em resumo, a ANT compreende o social como uma “série de associações entre elementos heterogêneos” (LATOUR, 2012, p.23). Ainda que isso signifique forçar os(as) sociólogos(as) a considerar qualquer tipo de agregado, o social deve sempre ser entendido em uma “perspectiva de movimento, ação e conexão que estão sempre se fazendo e articulando pessoas, coisas e natureza em associações provisórias” (BAUM; GONZALES, 2013, p.149).

Então, para a Teoria Ator-Rede, o que cabe aos(às) pesquisadores(as) é somente rastrear essas associações na tentativa de registrar as interações entre os atores envolvidos nesses movimentos. Assim, se o social não passa de redes de certos padrões de materiais heterogêneos, à sociologia resta a difícil tarefa de “caracterizar essas redes em sua heterogeneidade e explorar como é que elas vêm a ser padronizadas para gerar efeitos como organizações, desigualdade e poder” (LAW, 2003, p.3, tradução nossa³).

Portanto, nessa acepção, trata-se de:

[...] afirmar que não há nada de específico na ordem social; que não existe nenhuma dimensão social, nenhum ‘contexto social’, nenhuma esfera distinta da realidade a que se possa atribuir o rótulo “social” ou “sociedade”; que nenhuma ‘força social’ está aí para “explicar” os traços residuais que outros domínios não explicam; e que a “sociedade”, longe de representar o contexto “no qual” tudo se enquadra, deveria antes ser vista como um dos muitos elementos de ligação que circulam por estreitos canais (LATOUR, 2012, p.23, grifos do autor).

A ação do ator é sempre deslocada e só pode ser compreendida pela descrição da rede de associações que estabelece, por conseguinte, que todo e qualquer ator é sempre um ator em rede, no sentido de que ele “não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOUR, 2012, p. 75).

³ “So in this view the task of sociology is to characterise these networks in their heterogeneity, and explore how it is that they come to be patterned to generate effects like organisations, inequality and power.”

A palavra ator para a ANT cumpre o papel de evidenciar que, na perspectiva do social como associação, “jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (LATOURE, 2012, p. 75). Enfim, significa perceber que, conforme defende o teórico,

A ação é tomada de empréstimo, distribuída, sugerida, influenciada, dominada, traída, traduzida. Se se diz que um ator é um *ator-rede*, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação” (LATOURE, 2012, p. 75, grifo do autor).

Assim, “ator é aquilo que muitos outros levam a agir” (LATOURE, 2012, p. 75), já que suas ações estão sempre dispersas em outras entidades, muitas vezes não humanas e, por isso, trata-se de um ator em rede, ou melhor, um ator-rede. A ANT

[...] insiste que agentes sociais nunca estão localizados em corpos e apenas em corpos, mas sim que um ator é uma rede padronizada de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por uma tal rede. O argumento é que pensar, agir, escrever, amar, ganhar dinheiro – todos atributos que nós normalmente atribuímos aos seres humanos, são gerados em redes que passam e se ramificam tanto dentro como fora do corpo. Daí o termo ator-rede – um ator é também, e sempre, uma rede [3] (LAW, 2003, p.4, tradução nossa⁴).

Aqui se enuncia umas das mais controversas e, também, esclarecedoras proposições da Teoria Ator-Rede, a saber, a de “que *qualquer coisa* que modifique uma situação fazendo diferença é um ator” (LATOURE, 2012, p. 108, grifo do autor); No âmbito dessa teoria, atores podem ser entidades humanas ou não humanas.

Portanto, tudo e todos que estiverem presentes nas associações, devem ser considerados. Isso não significa, evidentemente, que a Teoria Ator-Rede acredita que os objetos fazem coisas no lugar dos humanos, mas significa admitir que “nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada” (LATOURE, 2012, p.109).

4 “But it insists that social agents are never located in bodies and bodies alone, but rather that an actor is a patterned network of heterogeneous relations, or an effect produced by such a network. The argument is that thinking, acting, writing, loving, earning – all the attributes that we normally ascribe to human beings, are generated in networks that pass through and ramify both within and beyond the body. Hence the term, actor-network -- an actor is also, always, a network

Na sociologia das associações não cabe uma distinção entre quem é humano ou quem é objeto, o único objetivo deverá ser apontar quais são as entidades mediadoras e quais são as entidades intermediárias em uma dada associação e por quais motivos elas se enquadram em uma categoria e não na outra. Esse é um importante ponto de inflexão da Teoria Ator-Rede.

O conceito de mediação para a ANT de Bruno Latour se diferencia da noção de mediação presente nos estudos informacionais e comunicacionais e costuma ocupar dois níveis: um primeiro, mais amplo e geral, chamado simplesmente de mediação e um segundo, restrito e adjetivado, denominado mediação técnica (CARDOSO, 2015).

Em seu sentido mais amplo, a mediação para a ANT “pode ser entendida como a ação daquilo que está no meio do processo, isto é, trata-se do agenciamento contínuo de elementos híbridos e heterogêneos, da reelaboração do sociotécnico por atores-rede em ação dinâmica” (CARDOSO, 2015, p. 228). Portanto, mediação se refere àquilo que é “capaz de alterar a configuração dos polos, engendrando novas entidades e classes novas” (CARDOSO, 2015, p. 239).

O conceito de mediação na ANT serve para enfatizar o método de registro, mapeamento e descrição do movimento das associações e suas controvérsias. Mediadores são entidades (humanas ou não humanas) que “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOUR, 2012, p. 65). Para o autor pode-se considerar que diferente dos intermediários que apenas transportam sem transformar.

Um complexo computador em perfeito funcionamento é, por exemplo, um grande exemplo de intermediário, enquanto uma conversa cotidiana banal pode se tornar uma complexa cadeia de mediação quando transforma, traduz ou distorce aquilo que carrega através de suas opiniões e paixões (LATOUR, 2012).

Em síntese, para a sociologia das associações, os intermediários apenas transportam o curso da ação em um dado ordenamento, enquanto os mediadores dão outros direcionamentos à trajetória da ação. Mas ambas as posições, de mediador ou intermediário, nunca são fixas – basta lembrar que as associações estão sempre em movimentos.

O conceito de mediação na Teoria Ator-Rede está inteiramente conectado ao conceito de actante (CARDOSO, 2015). Emprestado dos estudos de literatura, a noção de actante é acionada na Teoria Ator-Rede como uma alternativa para dar conta, sem grandes prejuízos, das diferentes figurações que qualquer entidade pode assumir para si. O conceito refere-se a todas as entidades que exercem ou sofrem um tipo de ação ao participarem de qualquer tipo de associação (OLIVEIRA; PORTO, 2016).

A noção de actante cumpre, assim, a função de demonstrar que o que importa não é o tipo de figura, mas o leque de mediadores que pode aparecer ao se rastrear um ator – o que significa, por sua vez, que a ação de um único ator depende de vários actantes humanos e não humanos que formam a rede do ator-rede. Por essa lente, o mundo social já não pode mais ser lido como formado apenas por interações locais entre humanos. Com a ANT, torna-se preciso mobilizar todas as entidades que perpetuam as assimetrias das relações, ou melhor, das associações.

A noção de mediação mostra-se como um quase equivalente ao conceito de actante, sendo que a diferença está no fato de que mediação coloca a ênfase na ação (do actante), enquanto actante trata mais propriamente do elemento responsável pela ação (que é sempre mediada) (CARDOSO, 2015).

Além disso, esse conceito contempla a crítica de Latour sobre a ideia de moderno. Para Latour (1994, p.16, grifo do autor), junto à noção de moderno está implícita uma prática que “cria, por ‘purificações’, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não humanos, de outro”. Portanto, a noção de mediação permite, por conseguinte, outra prática moderna “oficiosa de deslocar, transformar, traduzir, alterar os entes, tornando-os outros, elaborar misturas, criar híbridos” (CARDOSO, 2015, p. 240).

O conceito justifica a oposição de Latour ao projeto de purificação moderna que separa natureza e cultura, subjetivo e objetivo, humano e não humano. Por isso, para Bruno Latour (1994a), jamais houve de fato a modernidade. A mediação, ocultada pelo projeto iluminista de purificação, aponta a trajetória da ação e caracteriza o estatuto ontológico do híbrido ao planificar todas as formas de existência e priorizar unicamente a investigação

de como as entidades agem nas redes dinâmicas do social – a polarização moderna não é desmontada, mas complementada com os híbridos (CARDOSO, 2015). Aqui o conceito amplo de mediação se entrelaça ao conceito mais restrito de mediação técnica.

A noção de mediação técnica, por sua vez, serve para demonstrar que “interessa mais atentar[-se] aos hibridismos e aos resultados da associação dos elementos participantes do que buscar velhas dicotomias (especialmente as que tendem a ressaltar distinções entre as esferas do sujeito e do objeto)” (CARDOSO, 2015, p. 205). O conceito cumpre, então, o papel específico de revelar a emergência das entidades híbridas que se constituem nas relações humanos/não humanos.

Em um ensaio de 1994, Bruno Latour (1994b) ilustra o conceito de mediação técnica por meio de um famoso exemplo no qual o autor trata da relação entre humanos e armas de fogo. Dentro do debate sobre o controle ao acesso às armas, a questão posta por Latour (1994b) no exemplo é: pessoas matam pessoas ou armas matam pessoas? Para o autor, ao tratar-se de uma questão como essa, não deve existir a noção de ferramenta neutra (pessoas matam pessoas), como também não deve persistir a noção de um destino autônomo que os humanos não podem controlar (armas matam pessoas). O que deve ser pensado é a emergência de um ator híbrido (pessoa-arma) que, na associação entre humano e arma, ganha um novo programa de ação, no caso as condições de matar outra pessoa. O conceito ressalta a emergência de novas entidades que surgem nas associações.

Resumidamente, podemos dizer que mediação técnica, no sentido imprimido por Latour, refere-se a uma confluência entre homem e objeto técnico que deveria soar trivial: homens e armas mudam a partir da existência de humanos com armas. Desse modo, a associação resultante (inteligência técnica), não pode ser descrita nem pelo “homem” nem pela “arma”, já que as partes isoladas não contêm os atributos do todo. Dito de outra forma, Latour apresenta como alternativa, para o problema da primazia do homem sobre a máquina ou da máquina sobre o homem, o conceito de mediação técnica, que vê em ambos um par dialógico simétrico e uma gênese de propriedades novas, dada pela conjunção homem-máquina, de modo que mediação é entendida aqui como uma ação capaz de revelar a emergência dos agentes híbridos a partir de agentes heterogêneos postos em relação (CARDOSO, 2015, p. 206, grifos do autor).

A mediação técnica demonstra que nas associações os programas de ação dos actantes podem ser alterados a ponto de surgir uma outra entidade, como no caso da pessoa-arma: uma pessoa em posse de uma arma na mão não é mais a mesma, uma vez

que agora se sente investida de poder, enquanto a arma na mão de uma pessoa também é outra entidade, muito diferente da arma em uma gaveta, por exemplo (CARDOSO, 2015; LATOUR, 1994b). Já o híbrido pessoa-armas é “um actante novo, e o organismo social deve ser revisto a partir dessa tradução, responsável por agenciar programas de ação e promover os deslocamentos nos vínculos dos actantes originais” (CARDOSO, 2015, p. 207).

A ideia de mediação técnica define que a esfera humana não goza de nenhum privilégio em relação aos não humanos (CARDOSO, 2015). O interesse está em saber qual é o programa de ação dos atores, ou seja, a série de objetivos, passos e intenções que um agente pode descrever numa relação (LATOUR, 2001) e como eles se transformam ou se mantêm ao se associarem a outras entidades. O convite da ANT é para uma planificação ontológica que permita ver o social em movimento entre diversas entidades – humanas ou não.

3. MEDIAÇÃO RADICAL E COMUNICAÇÃO ASSOCIAL

Como visto, o social para a ANT já não pode mais ser lido como um bloco ou um material autoexplicativo de uma dada situação e, ao contrário dessa apreensão, precisa ser reduzido/ampliado à ideia de associações de diversas naturezas que se fazem e se refazem entre entidades heterogêneas (humanas e não humanas). Mas, como operar nessa lógica em termos de método? A resposta mais objetiva para essa questão dada inúmeras vezes por Bruno Latour (2012) é: siga os atores!

Essa orientação significa, em essência, que as particularidades não podem ser ignoradas ou homogeneizadas em nome de uma força maior ou de uma perspectiva que priorize a função dos humanos nas associações. A tarefa principal do(a) cientista social passar a ser, por conseguinte, perseguir os atores (humanos ou não) a fim de unicamente descrever como seus programas de ação surgem nas relações, não como resultado de estruturas, campos, cultura ou da sociedade, mas como resultados de subdeterminações que fazem deles alvos móveis de diversas entidades que povoam suas operações, e como esses programas se transformam em meio ao movimento do social (LATOUR, 2012).

Como afirmado, é justamente o conceito de mediação técnica que possibilita o devido destaque ao caráter associativo do social e aos hibridismos presente em todas as associações, sem deixar de lado os objetos em favor das pessoas, ou vice-versa. Contudo, o conceito de mediação técnica de Latour (1994a; 1994b) ao mesmo tempo em que se aproxima da categoria de mediação convencionalmente explorada pelos estudos comunicacionais e informacionais também se distancia, pois enquanto o primeiro destaca a trajetória da ação e seus desvios, a segunda trata, sobretudo, dos meios que garantem os processos comunicacionais.

Por outro lado, é possível estabelecer pontos de contato entre o conceito e a categoria, afinal ambas as noções contribuem para destacar os inúmeros intermediários que carregam e transformam um determinado curso (da ação ou da informação). Além disso, aproximar essas duas abordagens sobre mediação pode contribuir para superar o caráter transmissivo da comunicação, oriundo dos modelos matemáticos lineares que, em geral, concebem a comunicação como transferência da informação entre dois polos, e destacar, em contrapartida, as articulações, os vínculos e as associações (as mediações técnicas) que formam os processos comunicacionais.

Uma vez que a informação seja entendida como transformação, logo, como alteração constante da forma inicial daquilo que se associa e se desassocia no curso de várias ações, torna-se possível a compreensão de que humanos e não humanos não apenas informam, mas transformam e, por isso, fazem o tempo todo mediação (no sentido latouriano). Assim, o significado de comunicar torna-se agir em comum, vincular-se, associar-se, conectar-se, em razão da partilha de uma mesma ação entre os actantes (SALGADO, 2018a). A comunicação, pela perspectiva da Teoria Ator-Rede, pode ser vista como:

[...] uma ação comum conjugada entre humanos e não humanos, por isso, sociotécnica, termo que não se limita aos objetos técnicos, mas abarca o caráter híbrido das associações, irreduzíveis a um ou outro elemento. Assim, associações entre humanos e não humanos (H-NH), bem como entre não humanos e não humanos (NH-NH) são sociotécnicas ou híbridas [...] a comunicação pode se dar entre não humanos, como entre os animais não humanos, entre os minerais e entre os vegetais, pois não se trata da influência mútua e recíproca de mentes ou consciências sobre outras, mas do contato e do contágio entre aqueles que agem, quer sejam humanos ou não humanos (SALGADO, 2018b, p.181-182).

Nesse sentido, a mediação (em seu sentido convencional), enquanto instância irreduzível que se define em relação permanente com a produção e a recepção, constitui-se sempre por mediações técnicas de diversas naturezas. Ao carregar determinada informação, os dispositivos de mediação cultural (humanos e não humanos) de uma exposição de arte, por exemplo, transformam-na ao mesmo tempo em que fabricam a ação comunicacional ao se associarem com outras entidades. Pensar a concepção convencional de mediação usado pelos estudos comunicacionais e informacionais pela perspectiva da mediação técnica da ANT significa, assim, possibilitar uma análise não antropocêntrica dos processos comunicacionais.

Alguns autores chamam de virada materialista esse processo de reconhecimento das agências dos objetos e suas performances nas formações sociais (LEMOS, 2020; SALGADO, 2018a). Mas, para o pesquisador brasileiro André Lemos (2020), essa virada parece não ter interferido nos estudos de comunicação. Para o autor, as pesquisas de materialidade sempre se mostraram periféricas no campo da comunicação, os quais costumam valorizar o papel de agentes humanos ao invés de uma topologia plana, local e não antropocêntrica (LEMOS, 2020). Em outras palavras, no campo da comunicação, trata-se pouco sobre mediação técnica, logo, sobre a emergência de híbridos.

Para André Lemos (2020), são frequentes os estudos em comunicação que afirmam (falsamente) reconhecer o papel dos híbridos sem se dedicar a um estudo empírico detalhado e que apelam a grandes generalizações e conclusões sobre o mundo (LEMOS, 2020). Lemos (2020) afirma que no campo da comunicação há uma divisão entre humanos e não humanos e os primeiros costumam ser privilegiados em detrimento dos segundos.

O autor brasileiro defende que, no lugar da dicotomia posta pela comunicação social, que purifica pessoas e objetos, é preciso privilegiar uma comunicação associal, ou seja, que consiga compreender o social para além da abordagem das perspectivas intersubjetivas antropocêntrica e que seja capaz de perceber os agenciamentos sociotécnicos que compõem os processos comunicacionais (LEMOS, 2020).

Tendo por referência as premissas da Teoria Ator-Rede, Lemos (2020) defende a necessidade de uma abordagem neomaterialista da comunicação que implica em uma análise: i) pragmática/não essencialista (o ator é definido pelo que faz e não pode ser

definido por categorias *a priori*), ii) materialista (os fenômenos sempre produzem efeitos ou afetações materiais), iii) não antropocêntrica (o controle e a fonte de ação não são privilégios do ator humano), iv) associativa/local (tudo se dá em rede plana) e iv) empiricamente radical (a observação deve ser detalhada sem grandes generalizações).

O neomaterialismo afirma a necessidade de se estar atento a todas as entidades presentes em uma associação, de modo a valorizar a visão de entrelaçamento, sem reduzir à interpretação ou às estruturas que agem por cima ou por baixo dos atores (LE MOS, 2020).

As teorias neomaterialistas se sustentam a partir de quatro pressupostos: materialismo, não essencialismo, associativismo e não antropocentrismo. Indicando que tudo tem base material, tais teorias preveem que as coisas são o que fazem, que tudo está entrelaçado e que o humano não é sempre o centro das ações (LE MOS, 2020).

Para se referir às mediações presentes nos processos comunicacionais por uma perspectiva neomaterialista, André Lemos (2020, p.57) sugere o adjetivo radical, pois esse permite “falar de mediação envolvendo humanos e não humanos colocando, portanto, a dimensão híbrida e materialista no seu entendimento”. O conceito de mediação radical destaca o papel dos diversos actantes que compõem os processos comunicacionais por uma perspectiva da mediação técnica empregada pela Teoria Ator-Rede. De acordo com o autor:

O social é fruto das associações nesse coletivo de humanos e não humanos. A comunicação é assim um processo associal, fruto da mediação radical. Com essa ênfase, podemos pensar de forma mais completa e integrada como os humanos são agidos e agem no interior dos processos associativos sem retirar da equação agentes fundamentais para compreensão desses processos (os objetos e suas materialidades) [...]. A compreensão da ação, da mediação e da comunicação se dá, nessa perspectiva, a partir de análises imanentes, descrevendo a ação de todos os actantes envolvidos na mediação (radical) em uma análise plana, sem recorrer *a priori* a explicações contextuais ou globais por um lado, ou microssociais e antropocêntricas por outro (LE MOS, 2020, p. 57).

Com o conceito de mediação radical, Lemos (2020) direciona a atenção para a complexidade e a grande diversidade de actantes que compõem os eventos de comunicação. Assim como os estudos de mediação citados na seção anterior (DAVALLON, 2007; DAVALLON 2010; JEANNERET, 2009; PERROTTI; PIERUCCINI, 2014), o interesse do autor brasileiro é revelar a necessidade de se levar em conta as articulações entre os

elementos intermediários, de modo a deixar claro que os significados e os conhecimentos nunca são simplesmente dados na comunicação, mas que dependem da articulação desses elementos. A diferença é que Lemos (2020) enfatiza que não se pode deixar de lado as entidades não humanas, uma vez que “os humanos não estão em um lugar privilegiado na circulação da ação” (LEMOS, 2020, p.60).

Em síntese, o objetivo do conceito de mediação radical é apontar pragmaticamente que o processo comunicacional é associal, portanto, composto por humanos e não humanos, e demonstrar a materialidade e a agência de cada um dos objetos articulados pelas mediações técnicas que formam as mediações comunicacionais. Com o conceito, André Lemos (2020, p. 60) impulsiona sua perspectiva neomaterialista que reconhece que tudo existe e tem efeito por agenciamento material e que “nenhum elemento possui atributos essenciais e que eles só se definem em suas relações, nos agenciamentos, nas linhas de fuga, nos afetos, nas mediações radicais, portanto”.

Posto as principais características de uma abordagem neomaterialista dos processos de comunicação, resta apontar como a perspectiva teórico-metodológica da Teoria Ator-Rede pode contribuir pontualmente para uma pesquisa sobre a mediação cultural em exposições de arte.

4. COMO PENSAR DISPOSITIVOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL POR UMA PERSPECTIVA ANT

Ao adotar a perspectiva da ANT, para realizar uma pesquisa sobre mediação cultural em exposições de arte, tratando-se do seu sentido institucional-profissional, a investigação deve seguir as mediações radicais nos processos de comunicação associal.

Em outras palavras, a pesquisa deve se valer de um empirismo radical que considere todos as entidades, humanas e não humanas, que possam ser vistas como mediadoras culturais, ou seja, que na sua relação com os(as) visitantes tenham em seus programas de ação o objetivo de facilitar, desenvolver, efetivar, enriquecer, ampliar e mesmo questionar o processo interpretativo dos(as) destinatários(as) (DARRAS, 2009).

O passo essencial para transformar dispositivos de mediação cultural em actantes de mediação cultural deve ser a adoção de uma perspectiva ontológica plana que leve em conta a atuação de educadores, historiadores da arte, curadores, palestrantes e artistas, assim como etiquetas, textos, paredes, iluminação, bancos, mesas e suportes dispostos na exposição. Tudo isso por meio de um empirismo radical que abandone as generalizações (LEMOS, 2020)

Do ponto de vista prático, as análises convencionais da mediação cultural praticadas em exposições de arte normalmente se limitam a apresentar considerações sobre a atuação dos educadores, dos curadores, dos especialistas e dos artistas que participam diretamente das ações comunicacionais desses eventos culturais.

Ainda, nesse conjunto, em muitas dessas pesquisas, são apresentadas considerações sobre as intenções humanas por detrás dos elementos não humanos, como as etiquetas, os textos de paredes e as disposições espaciais – consolidando uma visão antropocêntrica das relações sociais que, por princípio, ignora o programa de ação dos objetos e, portanto, a sua capacidade de agência.

O ponto central defendido neste artigo é que, para notabilizar a complexidade dos processos de mediação cultural como proposto pelos autores(as) citados(as) na primeira parte deste trabalho, tais como Davallon (2007, 2010), Jeanneret (2009), Perrotti e Pieruccini (2014), os processos comunicacionais nas exposições de arte também precisam ser vistos como associativos, ou seja, eles se estabelecem para além das relações interpessoais e exclusiva das consciências humanas (LEMOS, 2020).

A concepção associativa da comunicação permite o entendimento de que as entidades que carregam, transformam, criam e recriam a informação, se conectam em uma rede plana que só pode ser descrita por meio de um posicionamento mais míope (que enxerga de perto) e menos preocupado em grandes generalizações acerca das estruturas sociais ou culturais (LEMOS, 2020).

Em síntese, é preciso estar atento a cada agente (humano ou não humano) que compõem o processo comunicacional chamado: mediação cultural. Etiquetas, textos, paredes, iluminação e tantas outras entidades não humanas precisam ser igualmente considerados nas descrições das associações que ocorrem nas galerias, afinal essas

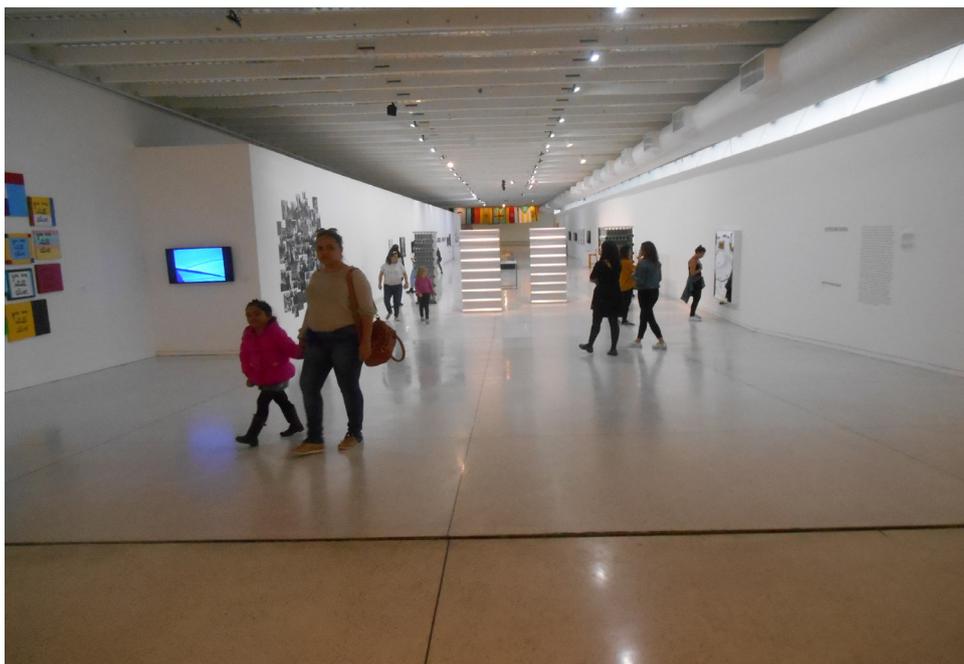
entidades não apenas transportam sem interferência, como intermediárias, as informações e os objetivos ditados pelas mentes humanas de educadores, curadores, historiadores da arte, artistas e palestrantes, mas possuem seus próprios programas de ação que podem transformar e recriar as ações humanas. Deve-se considerar igualmente os objetos e as pessoas, isso é a paisagem ontológica plana defendida pela ANT.

Cita-se como exemplo a exposição “Entremundos” (fig. 1) com curadoria de Adolfo Montejo Navas⁵, que fez parte da 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba entre 2019 e 2020. A mostra, que tratava da condição contemporânea que permite aos indivíduos habitar vários mundos, contou com 27 obras (entre pinturas, vídeos, fotografias, esculturas, instalações, registros de performances, impressões e livros) de 23 artistas brasileiros.

Uma investigação convencional acerca da mediação cultural praticada na mostra “Entremundos” muito provavelmente destacaria o papel dos humanos na comunicação dos objetos de arte. Seriam valorizadas, por exemplo, as ações das mediadoras contratadas pela 14ª Bienal que permaneciam na exposição à disposição do público; a abordagem dos(as) educadores(as) do Museu Oscar Niemeyer (MON) que transitavam duas vezes por dia na exposição com grupos agendados; as visitas-guiadas e as oficinas oferecidas por artistas contemplados pela exposição; as palestras oferecidas no miniauditório do Museu ou, quando muito, as intenções do curador Adolfo Montejo Navas por detrás dos textos de paredes e das disposições das obras.

5 Nascido em Madri em 1954, mora no Brasil há 26 anos. É poeta, artista visual, crítico e curador. Realizou diversas curadorias no Brasil e na Espanha, além de ser autor de livros de Anna Bella Geiger, Victor Arruda, Regina Silveira, Iberê Camargo, Paulo Bruscky e outros(as) artistas renomados (14ª BIENAL, 2019).

Figura 1 – exposição “entremundos”

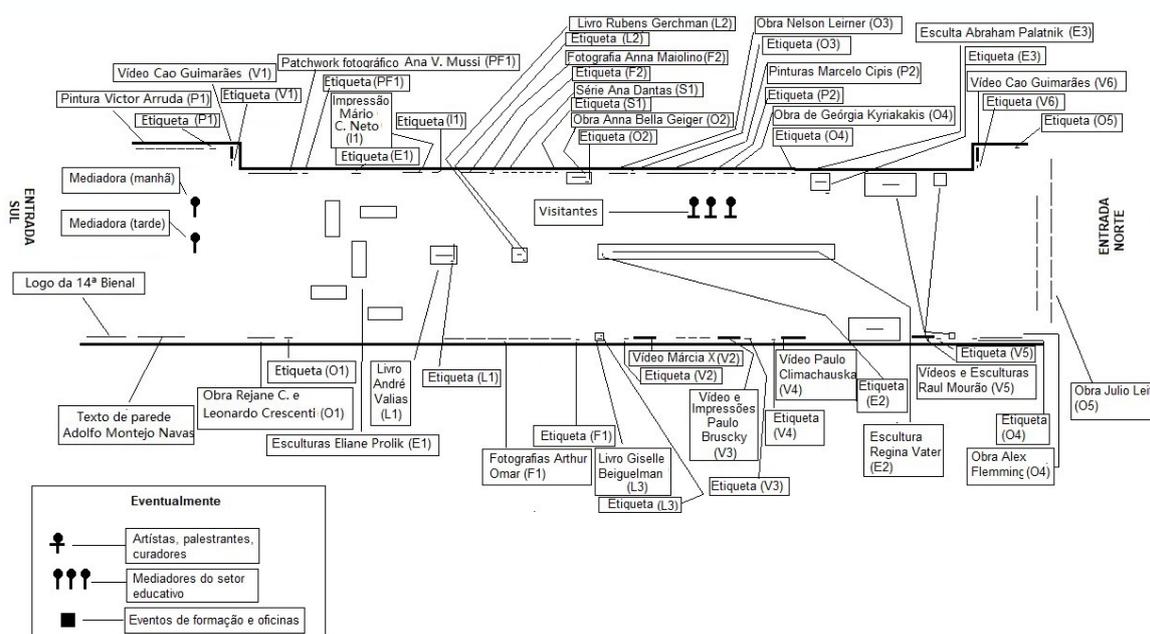


Fonte: O autor (2019)

Mas, uma abordagem como essa ignoraria, por exemplo, a interferência de esculturas gigantes, das 23 etiquetas ou dos 600m² dispostos em 60m em duas paredes paralelas que, respectivamente, dividiam o trajeto dos(as) visitantes pela exposição, causavam, em alguns casos, mais confusões que esclarecimentos com seus termos técnicos pouco conhecidos e que conduziam uma permanência média na sala de pouco mais de oito minutos.

Apenas a descrição associal, míope (muito próxima) e radical da mediação cultural praticada na mostra “Entremundos” seria capaz de mapear cada um desses atores não humanos, de modo a levar em conta os programas de ação, ou seja, a série de objetivos, passos e intenções (LATOUR, 2001) contidas e transformadas em cada etiqueta, educadores(as), obras de arte e paredes que atuaram como mediadoras (no sentido latouriano) em meio às associações que se formaram e se desmancharam e que criaram e recriaram diversas entidades híbridas no período em que a exposição esteve aberta à visitação. André Lemos (2020) chama de inventário a descrição minuciosa das entidades que estão inseridas na questão de interesse (fig. 2).

Figura 2 – inventário da exposição “entremundos”



Fonte: O autor (2020)

Com a Teoria Ator-Rede o mundo social se torna muito mais complexo e povoado a ponto de apenas uma observação prática e concreta ser capaz de mensurar como os coletivos são formados. Lemos (2020) denomina de transdução essa etapa seguinte ao inventário que é a descrição das mediações (no sentido Latouriano) que ocorreram nas associações, ou seja, a “identificação do que as coisas fazem, são feitas e fazem fazer (LEMOS, 2020, p.62).

Esse breve exemplo da exposição “Entremundos” cumpre o papel de ressaltar que os objetos precisam ser considerados ou, como afirma Bruno Latour (2012), trazidos de volta à vida. O convite deste artigo é para que os trabalhos de investigação sobre mediação cultural em exposições de arte sejam cada vez mais pragmáticos, materialistas, não essencialistas, não antropocêntricos, míopes e planejados. Esta parece ser uma boa estratégia teórico-metodológica para tornar material a complexidade e a autonomia da mediação cultural da arte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram defendidas novas estratégias teórico-metodológicas para pesquisas de mediação cultural em exposições de arte. Para tanto, foram descritas as definições operacionais do conceito de mediação cultural enquanto procedimento institucional e/ou profissional de comunicação de eventos culturais. A mediação cultural foi definida como o conjunto de ações praticadas em instituições culturais que objetivam estabelecer modos de inter-relações, sejam de cunho educacional, histórico, filosófico, científico, poético e/ou de simples entretenimento entre determinados públicos e obras de arte, objetos históricos, livros, arquivos etc.

Ao conceber a mediação cultural como processo autônomo e argumentar que, assim como ocorre com a categoria de mediação em alguns estudos comunicacionais e informacionais (DAVALLON, 2007; JEANNERET, 2009), o conceito operacional de mediação cultural precisa carregar em seus significados o entendimento acerca da presença de inúmeros intermediários, humanos e não humanos, que carregam, transformam, criam e recriam as informações.

A partir do argumento deste estudo foram identificadas as principais diretrizes da Teoria Ator-Rede e esta foi defendida como importante estratégia teórico-metodológica para mapear a complexidade do processo comunicacional praticado em exposições de arte, chamado de mediação cultural, sobretudo, quando associada ao conceito de mediação radical e comunicação associal que valorizam o papel de agentes não humanos nos processos comunicacionais (LEMOS, 2020). Por fim, registrou-se um breve exemplo acerca de como uma exposição de arte pode ser pensada por uma perspectiva ontológica plana.

Conclui-se que a Teoria Ator-Rede pode contribuir para as pesquisas sobre mediação cultural por propor uma abordagem metodológica organizada em razão de um empirismo radical que não aceita generalizações e que incentiva uma análise local minuciosa. Além disso, a ANT, ao conceituar o social como associação e destacar a função dos objetos na constituição do próprio social, atribui um caráter heurístico aos estudos de comunicação enquanto propõe uma análise material e não antropocêntrica desses processos.

Nesse sentido, a Teoria Ator-Rede contribui para as pesquisas em mediação cultural em exposições de arte quando orienta uma abordagem metodológica que considere a ação de todos os elementos que constituem o evento – sejam humanos ou não humanos. A ANT possibilita, por conseguinte, uma investigação pragmática, materialista, não essencialista, não antropocêntrica e planificada. Passos defendidos por este estudo como indispensáveis para que a complexidade e a autonomia da mediação cultural da arte se tornem evidente e tangível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114919>> Acesso em: 10 jan. 2020.

BAUM, C.; GONZALES, Z. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Bruno Latour. **Revista Polis e Psique**, Vol. 3, n.1, 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/viewFile/36550/26493%20Polis%20e%20Psique.%20Vol.3>> Acesso em: 05 jan. 2021.

14ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CURITIBA (14ª BIENAL). **Descubra os artistas, sedes e curadores**. Curitiba, 2019. Disponível em: <http://bienaldecuitiba.com.br/2019/2019/09/13/cubic4-o-circuito-universitario-que-permite-jovens-artistas-a-participarem-de-uma-bienal-internacional-de-arte-contemporanea/> Acesso em: 31 dez. 2020

CARDOSO, T. A **Epistemologia da Mediação em Bruno Latour**. 2015. 284f. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, São Paulo, 2015.

DAVALLON, J. A Mediação: a comunicação em processo? **Prisma: revista de ciência e tecnologia de informação e comunicação**, Porto, n.4 p.3-36, jun. de 2007. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100>> Acesso em: 10 jan. 2020

_____. Comunicação e sociedade: pensar a concepção da exposição. In: BENCHERIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano e MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.). **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 21-34.

DARRAS, B. As várias concepções de cultura e seus efeitos sobre o processo de mediação cultural. BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. (Orgs.). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Mediação. **Conceitos-chaves de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994a.

_____. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. **Fall**. 1994b, Vol. 3, 2.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba; São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practices**, v.5, n.4, Pp.379-393, 1992. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01059830>> Acesso em: 05 jan. 2021.

LEMOS, A. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galaxia**, n. 43, 2020, p. 54-66. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/43970>> Acesso em: 05 jan. 2021.

OLIVEIRA, K.; PORTO, C. **Educação e Teoria Ator-Rede**: fluxos heterogêneos e conexões híbridas. Ilhéus, BA: EDITUS, 2016.

PERROTTI; PIERUCCINI, I. A mediação como categoria autônoma. **Informação & Informação**, v. 19, p. 1, 2014. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>> Acesso em: dez. 2020. Acesso em: 05 jan. 2021.

SALES JÚNIOR, I.; SOUZA D. Apresentação. LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba; São Paulo: Edusc, 2012.

SALGADO, T.B. P. **Fundamentos Pragmáticos da Teoria Ator-Rede**: para análise de ações comunicacionais online, 2018. 287 f. Tese (doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2018a.

_____. A virada não humana na comunicação: contribuições da Teoria Ator-Rede e da Ontologia Orientada aos Objetos. **Dossiê Realismo Especulativo**, v. 21, n. 2, p. 171-191, 2018b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/18146> Acesso em: 10 jan. 2020

TEIXEIRA COELHO, J. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.